

A CRIANÇA GORDA NA LITERATURA INFANTIL: REFLEXÕES A PARTIR DE QUATRO LIVROS

Liliane dos Santos Jorge *
Júlia Cristina Paixão Dionysio **

Resumo: Este artigo discute como os corpos de crianças gordas são apresentados em quatro livros de literatura infantil. Na análise, de base qualitativa, textos escritos e imagens foram problematizados a partir dos estudos sobre a mediação da leitura literária; corporeidade nas obras literárias e gordofobia. A análise e discussão dos dados indicam a existência de avanços relativos à representação da diversidade humana nos livros infantis, incluindo a representação menos pejorativa da criança gorda. Finalmente, a conclusão indica a necessidade de se formar professores capazes de mediar a leitura literária, buscando a valorização da diversidade humana.

Palavras-chave: Corporeidade. Gordofobia. Literatura Infantil. Crianças gordas.

THE FAT CHILD IN CHILDREN'S LITERATURE: REFLECTIONS FROM FOUR BOOKS

Abstract: This article discusses how the bodies of fat children are presented in four books of children's literature. In the qualitative analysis, the authors problematize the book's written and visual texts based on studies on the mediation of literary reading representations of the body in literary works and fatphobia. The analysis and discussion of the data indicate the existence of advances related to the representation of human diversity in children's books, including less pejorative representations of the fat child. Finally, the conclusion indicates the need to train teachers capable of mediating literary reading, seeking to value human diversity.

Keywords: Embodiment. Fatphobia. Children's literature. Fat children.

Introdução

Este artigo resulta de análise documental, que tomou como objeto de estudo quatro livros de literatura infantil. Seu objetivo é discutir a representação do corpo da criança gorda nos livros de literatura, por meio da análise das obras selecionadas. Considerando a gordofobia um fenômeno social crescente no Brasil, buscamos investigar como a literatura infantil tem representado no texto escrito e nas imagens os corpos de crianças gordas. Neste artigo, tomaremos como objeto de análise quatro obras literárias que abordam a temática privilegiada nesse estudo: Bruno e João

(Jean-Claude Alphen/ 2009); Andreia Baleia, (Davide Cali/Sonja Bougaeva, 2019); Laís, a Fofinha (Walcyr Carrasco/Ana Matsusaki, 2018) e Carlota Bolota (Cristina Porto/ Bruna Assis Brasil, 2014).

Os livros foram escolhidos dentre os disponíveis no mercado, buscando por obras publicadas a partir do ano 2000 e sobre as quais não encontramos análise anteriores. Optamos por publicações atuais, uma vez que este século começa a trazer estudos significativos sobre o preconceito com o corpo gordo e, nesse sentido, partimos do pressuposto de que as obras podem refletir esse debate, numa abordagem não caricata dos corpos diferentes.

Partimos do reconhecimento da gordofobia como fenômeno em crescimento no mundo ocidental e no Brasil e em função do qual pessoas têm tido seus direitos fundamentais negados. Consideramos ainda, que a escola é um espaço para a discussão dos preconceitos e para a formação de pessoas abertas à valorização da diversidade, percebendo na literatura infantil um importante canal para esta discussão.

Este artigo fundamenta-se na produção acadêmica sobre literatura infantil (Aguiar, 1999; Cardoso, 2014, Micarello e Baptista, 2018); sobre corporeidade nas obras literárias (Martins 2006) e sobre a gordofobia (Mattos 2012, Lopes e Medeiros 2017, Arruda e Miklos, 2020).

Por fim, o trabalho está organizado em quatro seções: a primeira aborda a questão dos padrões estéticos na atualidade, a segunda trata da gordofobia e suas relações com a infância, a terceira seção traz reflexões sobre a literatura infantil e sua abordagem no espaço escolar. Na quarta seção, apresenta-se a análise dos livros selecionados para finalmente, apresentarem-se logo após, as considerações finais.

1 Corpos e padrões estéticos

Os padrões estéticos sobre nossos corpos sempre estiveram presentes na sociedade e são ressignificados e reiterados com o passar do tempo, tendo em vista as múltiplas culturas e os diferentes meios de dominação social. O corpo gordo, que nos séculos XVII e XVIII era visto como sinal de riqueza, de fartura e estava presente

nas obras de pintores famosos como belo e desejável, hoje é estigmatizado e relacionado a doenças, repulsa e negligência.

Martins (2006) destaca que em meados do século XX, surgiu uma nova forma de pensar sobre o corpo que colocou em destaque o aperfeiçoamento e a disciplina dos corpos por influência dos discursos eugenistas e higienistas (que tinham como objetivo o aperfeiçoamento humano dos brasileiros) presentes no final do século XIX e no início do século XX, que instauram novos padrões de beleza. Este paradigma deu início aos concursos de “robustez infantil” - muitas vezes patrocinados por órgãos públicos – e as imagens e propagandas de produtos higiênicos, que apresentavam crianças “fofinhas” e cheias de dobrinhas, como ideais a serem alcançados pelas mães e cuidadoras.

No final do século XX e no início deste século, as discussões sobre obesidade começaram a ganhar força como assunto de saúde pública. A preocupação com as implicações econômicas para os cofres públicos culminou na patologização da obesidade, intitulada como epidemia mundial, mesmo não sendo uma doença transmissível. Tais debates influenciaram o discurso e as atitudes médicas que legitimam o preconceito e valorizam as pessoas magras como saudáveis e responsáveis e as pessoas gordas, tidas a priori como doentes, são culpabilizadas e julgadas negligentes e irresponsáveis (Paim; Kovaleski, 2020).

No século XXI a “referência” de um corpo infantil gordo já não é, então, considerada ideal, uma vez que busca-se distanciar as crianças do estereótipo de ser gordo. Isso decorre também da constatação atual da obesidade como um problema de saúde pública, que culmina no seu combate antecipado, em busca de poupar as crianças deste futuro indesejável. Nos ambientes familiar e escolar, cada vez mais cedo, as crianças são ensinadas a se preocupar com o que comem, não somente pela questão da saúde, mas também para evitar que o formato do corpo se afaste dos padrões de beleza socialmente legitimados.

Predomina, atualmente, o entendimento estereotipado de que se a criança é gorda, não é sadia, tem distúrbios alimentares, não se exercita (ou tem dificuldades para fazê-lo), não se alimenta de forma saudável, não se adequa a determinados

papéis sociais, desconsiderando as outras subjetividades, vivências e possibilidades de existir sendo gordo.

Martins (2006) entende que a palavra gordo tem múltiplos significados e não se restringe à característica física, ao excesso de peso, pois abarca as representações e os estereótipos relacionados à pessoa gorda. Por isso, a autora utiliza a expressão “ser gordo” pois acredita que engloba as diversidades de existir, pensar, agir e ser compreendido, sendo gordo.

Baseada nas teorias de Foucault sobre dispositivos, Martins (2006) discorre sobre os fatos que mudaram a perspectiva e construíram a problemática do ser gordo, expondo o “dispositivo da magreza” presente na sociedade ocidental que regula, normaliza e hierarquiza os indivíduos segundo seu peso. Para a autora, esse dispositivo se propaga por meio dos discursos da sociedade, das mídias sociais e das tecnologias da informação e comunicação, baseados na percepção do corpo gordo como problema social, no aumento da obesidade, nos parâmetros de feio x bonito, sucesso x fracasso, desejável x indesejável e em diversos outros artifícios que contribuem para o consumo e para a busca do corpo ideal (Martins, 2006).

Silva e Cantisani (2018) apontam problemas decorrentes da relação de causalidade estabelecida entre o índice de massa corporal-IMC e doenças crônicas e cardiovasculares, uma vez que alguns estudos demonstram que a obesidade pode atuar como fator protetor contra a mortalidade. O IMC, por ser um cálculo originalmente criado para utilização em níveis populacionais, pode ser questionado como método para diagnosticar e categorizar indivíduos. Avaliações baseadas no IMC indicam que as pessoas que estão acima dos parâmetros “normais” da classificação, têm uma patologia e precisam ser tratadas ou ainda, precisam de cuidados prévios para não adquirirem a patologia.

A utilização do IMC como única forma de avaliar a saúde de alguém ignora outros fatores, classificando e estigmatizando indivíduos que não estão necessariamente doentes, mas que se desviam da norma. Os autores entendem a classificação e a estigmatização como responsável por criar um controle coletivo sobre os corpos gordos e por reduzir as pessoas à um atributo físico, limitando sua

participação e atuação na esfera política, pressupondo a falta de qualidades morais e, conseqüentemente, culpabilizando tais pessoas por sua desvalorização social.

O discurso e as narrativas sobre pessoas gordas ultrapassam as características físicas e englobam padrões de atitudes, sentimentos e chegam a pôr em xeque as capacidades e habilidades do indivíduo. Ser gordo na atualidade, não é exclusivamente sobre não se encaixar nos arquétipos de beleza, pois as narrativas criadas também envolvem questionamentos sobre saúde, disciplina e competência que, de alguma forma, fundamentam a inferiorização das pessoas gordas de forma integral.

É importante ressaltar que os padrões estéticos enraizados na sociedade são construídos paulatinamente e tornam-se ferramentas de dominação e exclusão de pessoas fora das normas estabelecidas sobre como devemos ser, estar e agir. Se entendemos, desde cedo, que devemos nos encaixar em moldes pré-determinados, não temos espaço para apresentar de fato nossas individualidades e acabamos por formar nossa identidade almejando nos justapor aos padrões, depreciando aquilo que realmente somos. Disso decorre a relevância de refletir sobre as crianças nesse contexto.

2 Gordofobia e implicações para a infância

Segundo Mattos *et. Al.* (2012) a gordofobia é caracterizada pelo preconceito que pessoas sofrem por serem gordas. Essa discriminação ocorre por parte de uma estrutura social que engloba todos os corpos gordos dentro do estereótipo de doentes, incapazes e preguiçosos. Dessa forma, essa intolerância se manifesta, muitas vezes, por meio de xingamentos e/ou atitudes hostis. Tais atitudes podem acarretar conseqüências em níveis psicológicos e sociais.

No plano psicológico, as atitudes gordofóbicas podem gerar transtornos alimentares como bulimia, anorexia e compulsão alimentar, transtornos psicológicos como depressão, ansiedade, fobia social e dependência química decorrente da utilização de remédios e inibidores de apetite.

Em relação à vida em sociedade, o não reconhecimento das especificidades da pessoa gorda gera dificuldades para que elas tenham acesso, por exemplo, a transportes públicos e serviços de saúde. Com relação a esses últimos, a falta de atendimento de qualidade decorre, não raramente, da gordofobia médica, que se manifesta quando os profissionais consideram as pessoas gordas culpadas por sua condição. Temos ainda a inadequação de equipamentos médicos, tais como aferidores de pressão, macas e aventais, que muitas vezes não atendem as pessoas que têm tamanhos e pesos maiores (Arruda e Miklos, 2020).

Lopes e Medeiros (2017), após entrevistarem 290 pessoas, concluíram que a estigmatização da obesidade é mais evidenciada do que as habilidades e competências profissionais, dificultando a inserção das pessoas gordas no mercado de trabalho. Cita-se ainda, o gasto maior que tais pessoas precisam fazer para adquirir produtos adequados ao seu corpo, como nas lojas de roupas *plus size*, que oferecem poucos modelos e praticam preços maiores do que a média encontrada no mercado de roupas “dentro do padrão”, como ressaltam Sousa Júnior e Melo (2018).

Nesse sentido, Martins (2006) pondera que a pressão estética tem afetado jovens e adolescentes que, segundo dados médicos, estão desenvolvendo transtornos alimentares e psicológicos em busca da magreza. Tal pressão tem se aproximado cada vez mais das crianças, em virtude da reprodução dos discursos ouvidos nos diversos meios sociais e da recorrência do *bullying*ⁱ no ambiente escolar.

Estudo transversal realizado com crianças entre 7 e 11 anos, oriundas de famílias de baixa renda, concluiu que um percentual significativo delas apresenta insatisfação com seu corpo e distorção da imagem corporal. Estudo semelhante realizado com meninas da mesma idade, em São Paulo, demonstrou que a preocupação com a imagem corporal tem se manifestado cada vez mais cedo assim como, pesquisa com meninos e meninas de Florianópolis, apontou que 69% deles não estavam satisfeitos com sua imagem. Os resultados desses estudos reforçam portanto, um cenário propício ao desenvolvimento precoce de transtornos alimentares relacionados à rejeição do corpo. (Cechetto *et al*, 2015, p. 89)

Segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística /IBGE (PeNSE – Pesquisa Nacional de Saúde do Escolar, 2019), 20,3% dos estudantes de escolas

públicas e particulares afirmam ter sido humilhados ou ter recebido provocações por parte dos colegas. Ao serem questionados sobre os motivos de tais humilhações, o maior percentual de respostas foi atribuído à aparência do corpo (16,5%), seguido de aparência do rosto (11,6%) e cor ou raça (4,6%). Cumpre destacar ainda que os percentuais foram maiores entre as meninas (24,2%) do que os meninos (17,8%). (IBGE, PeNSE, p.41)

Sendo um fenômeno social, a gordofobia está pois, presente no âmbito escolar, não somente entre jovens e adolescentes, mas também no ambiente que cerca as crianças pequenas. Tal fato demanda a atenção dos educadores, no sentido de tratar de forma adequada, o quanto antes, esta questão. Sabe-se que a escola marca o início da construção da identidade fora do ambiente familiar, em que há espaço para a descoberta do diferente. Segundo Mattos *et. Al.* (2012), na maioria das vezes, esta descoberta dá margem a categorização do outro como inferior, propiciando a manifestação de preconceitos muitas vezes percebidos no âmbito familiar, que se torna a prática do que conhecemos como *bullying* escolar.

Deste modo, justifica-se a importância de se repensar as práticas para abordar as diversidades corporais na educação infantil, por parte não apenas dos professores, mas também de outros profissionais envolvidos com as crianças como merendeiras e nutricionistas. Ao repensar as práticas, é necessário considerar os livros de literatura, materiais amplamente explorados nas escolas, que podem contribuir para o desenvolvimento de uma identidade pessoal positiva das crianças na educação básica, a começar por sua primeira etapa: a educação infantil.

3 Literatura infantil na escola: possibilidades educativas

A literatura infantil, ramo literário outrora subestimado, ganhou destaque no último século, o que se observa por meio do aumento de produções e de pesquisas no campo acadêmico, que destacam cada vez mais, seu potencial de fazer a ponte entre a criança e o mundo letrado.

A literatura infantil, segundo Aguiar (1999) carrega o pecado original de ter nascido comprometida com a educação e, ao ser escolarizada, pode muitas vezes

desviar-se de seu propósito estético para servir ao ensino de diferentes conteúdos escolares.

A despeito das polêmicas recorrentes acerca das relações entre a literatura e a escola, as pesquisas destacam o potencial dos livros infantis de apresentar inúmeras histórias e pautas vividas em sociedade, por meio de personagens, enredos e tempos diferentes, que estimulam o imaginário das crianças, apostando na ludicidade e nas imagens atrativas. Beatriz Cardoso (2014) destaca que os livros infantis são materiais que favorecem uma perspectiva de reflexão, de discussão e solução de problemas que, “quando explorados adequadamente se transformam em estímulo por meio do qual a criança tem a oportunidade de falar e perguntar sobre o conteúdo e sobre a forma dos textos”. (Cardoso, 2014)

A partir do contato com obras literárias que abordam temáticas diversas, os pequenos leitores criam sua própria interpretação, criando associações entre seu contexto particular e os contextos descritos, se percebem e se inspiram para enfrentar os desafios e as atividades do cotidiano. É justamente por explorar diversas questões, que surgem movimentos recentes de reavaliar e problematizar como algumas temáticas estão sendo apresentadas nesses livros. Esses movimentos fizeram as produções literárias para crianças avançarem significativamente ao incorporar diferentes temas como gênero, raça e a inclusão de pessoas com deficiência. (Bonin, Silveira, 2010).

Apesar dos progressos notados, os assuntos que tangenciam a diversidade corporal e, especificamente, o corpo gordo, não têm sido suficientemente discutidos nas produções científicas. Considerando pesquisas por livros que abordem este assunto, a exemplo do trabalho de Martins (2006), quando encontramos personagens gordos, percebemos um padrão em que, na maioria das vezes, tais personagens estão dentro de estereótipos sociais de feiura, vitimização, passividade ou sofrendo preconceito por seu peso e aparência.

Pessoa e Costa (2014) destacam que as crianças encontram nos espaços e nas relações escolares e familiares, amplas possibilidades de afirmar e desenvolver sua identidade, percebendo as relações e papéis sociais, aspectos da cultura e o contexto em que estão inseridos. Os livros infantis, por meio dos personagens e

enredos propostos, são também fontes de referência para o desenvolvimento identitário.

Os aprendizados adquiridos na escola vão além dos conteúdos intencionalmente ensinados pelo professor, pois é neste ambiente que se estabelecem diversos convívios, contatos, diálogos e experiências que ultrapassam as atividades focadas em conteúdos curriculares específicos. A Base Nacional Comum Curricular - BNCC, destaca as interações e as brincadeiras como as principais ferramentas para o desenvolvimento integral das crianças na educação infantil e ainda, elege direitos de aprendizagem e desenvolvimento (brincar, explorar, conviver, participar, expressar, conhecer-se), que visam a assegurar que as crianças tenham, nas escolas, condições propícias para isso.

Nesse sentido, o direito ao autoconhecimento, atribui à educação infantil o papel de possibilitar à criança oportunidades de pensar sobre si e de construir sua identidade por meio de uma autoimagem positiva e da valorização de seus grupos de pertencimento. Para tanto, a educação infantil precisa cuidar das experiências proporcionadas às crianças, das interações e das linguagens que perpassam o ambiente escolar. (Brasil, 2017, p. 38).

É importante salientar que as crianças utilizam as informações e os discursos captados nas interações com os diferentes atores sociais, para moldar suas identidades e, como consequência, se diferenciar do outro, agir e reagir conforme as necessidades. Na perspectiva de Vygotsky e Wallon, como nos relembram Pessoa e Costa (2014), a construção da identidade infantil se dá na interação com os outros, crianças e adultos. Por meio dessas interações a criança se entende como singular e diferente dos demais. Os contextos escolar e familiar são fundamentais nesse processo.

Considerando a relevância das interações da criança na escola e na família para a construção da identidade e desenvolvimento da sua autoestima, é fundamental dedicar atenção específica às atividades, conteúdos, jogos e brincadeiras propostos no ambiente escolar assim como às conversas e posturas adotadas no ambiente familiar, tendo em vista que tais elementos são base para a construção do

posicionamento e da individualidade da criança nos diferentes papéis sociais que elas ocupam. (Pessoa e Costa, 2014).

Uma vez reconhecida a contribuição da literatura para o pleno desenvolvimento infantil e ainda, a escola como espaço no qual as crianças - sobretudo as oriundas de famílias pobres - têm maior contato com os livros, é importante destacar o papel do professor como mediador de leitura. Na educação infantil, o professor se coloca como o leitor dos livros e mediar a relação entre eles e as crianças deve ultrapassar a atividade estrita de ler para elas.

Uma mediação de qualidade envolve o grande desafio de conciliar a dimensão estética da literatura com o seu potencial educativo. O trabalho de mediação de leitura na educação infantil deve considerar que “o contato das crianças com os livros requer a presença constante das professoras na definição de quais obras disponibilizar, quando e como fazê-lo e, ainda, quais intervenções podem apoiar a formação do leitor, antes, durante e depois da leitura”. (Micarello e Baptista, 2018, p.178)

3 A literatura infantil e o corpo gordo: o que dizem as obras

As produções selecionadas para análise neste trabalho foram escritas nesse século, uma vez que a literatura infantil contemporânea tem, cada vez mais, enfatizado a pluralidade e a diversidade. Por isso, selecionamos livros que continham elementos alusivos ao corpo gordo, para a investigação das representações, enredos e imagens utilizadas para se referirem ao “ser gordo”.

Os livros foram analisados em seu texto escrito e suas imagens, buscando identificar as características físicas e comportamentais atribuídas às personagens crianças gordas e as atitudes dos adultos com quem elas interagem. A análise objetivou verificar como a criança gorda está representada nas obras bem como as possibilidades de contribuir para a construção de uma identidade positiva, por parte das crianças que com ela interagirem. Ressaltamos que nossa análise não visou a avaliar a qualidade literária dos textos ou o valor artístico da obra. Destacamos também que, como os sentidos do texto são atribuídos pelo leitor, a leitura que fizemos

é portanto perpassada por nossos conhecimentos, valores e vivências acerca do tema.

O primeiro livro, Carlota Bolota (2014), de autoria de Cristina Porto com ilustrações de Bruna Assis Brasil, retrata a história de uma menina que, desde cedo, naturaliza um apelido pejorativo criado por seu irmão a partir do seu peso e do formato do seu corpo. O apelido “Bolota” substituiu o anterior “Batatinha” porque, segundo o irmão, era mais sonoro e facilitava para gritar e assim irritá-la. Apesar de ter crescido e “afinado um pouco”, o apelido a perseguiu nos ambientes escolar e familiar.

A história de Carlota nos é contada por ela, a partir de seu álbum de fotografias, do nascimento ao momento presente. A mãe, personagem adulto importante no contexto familiar, que vive fazendo dietas para emagrecer, busca convencer Carlota de que ela “é linda do jeito que é” e de que ela descende de uma família em que ninguém é mesmo “muito magro”.

A personagem Elisa, jovem namorada do vizinho Miguel, aparece para Carlota com exemplo de uma mulher gorda, feliz com seu corpo e admirada por todos. Esta família é retratada como um grupo feliz, onde se aprecia o prazer de comer sem culpa.

Quando Carlota se apaixona por um colega da escola e ele a chama de “gordinha simpática” a personagem se sente inferiorizada. Ao entender que ela estava insatisfeita com seu corpo, seu vizinho e novo amigo lhe sugere fazer um exercício físico para mudar sua situação e Carlota então, se dedica ao futebol (atividade que sempre adorou fazer). No desfecho do livro, a personagem “perdeu alguns quilinhos” e seu irmão acrescenta (sem retirar a conotação pejorativa) uma nova dimensão ao seu apelido modificando-o para “Carlota Bolota, craque da pelota”.

Pessoa e Costa (2014) destacam as relações familiares como um ambiente cultural e social que potencializa a construção da identidade infantil por meio das ações, expressões e discursos feitos por familiares e cuidadores, que formam as noções sobre o eu e o outro, sobre os papéis sociais e o existir em sociedade. Há duas situações na história que ilustram essa proposição. Primeiramente, cita-se o preconceito do irmão, que por meio de um apelido, expõe a irmã a um sofrimento duradouro. Depois, cita-se a postura contraditória da mãe que, apesar de tentar

convencê-la de que seu corpo é único e lindo, se submete a dietas constantes para emagrecer, causando dúvidas na menina sobre como perceber a si mesma.

Ao se apresentar aos leitores, a personagem deste livro inicia sua história falando de seu corpo e do surgimento do apelido, só então se interpela para dizer o seu real nome, demonstrando o quanto o termo pejorativo se incorporou à sua percepção de si mesma: “[...] Viu que bonitinha que eu era? É. E bem gordinha também, você deve estar pensando. Era mesmo. Tanto que meu apelido... Ei, espere um pouco! Estou falando de apelido, mas ainda não disse meu nome, disse?”

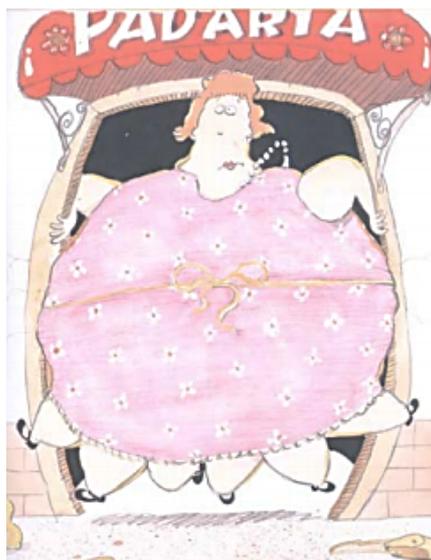
No que tange aos aspectos imagéticos, percebemos que as ilustrações deste livro não representam Carlota e as outras pessoas gordas de forma caricata como em outros livrosⁱⁱ, pois o corpo dela se assemelha a diversos outros corpos representados na obra e só percebemos que ela é gorda de fato, pelo traço arredondado do rosto. Nas figuras seguintes, observamos a representação de Carlota comparada à representação de outra personagem gorda, retratada em livro publicado em 1991:

Figura 1 – Carlota, do livro *Carlota Bolota*



Fonte: Porto, C. e Assis Brasil, B., (2014)

Figura 2: Personagem *Dona Miúda*



Fonte: ARAÚJO, Marcelo e ZIGG, Ivan (1991)

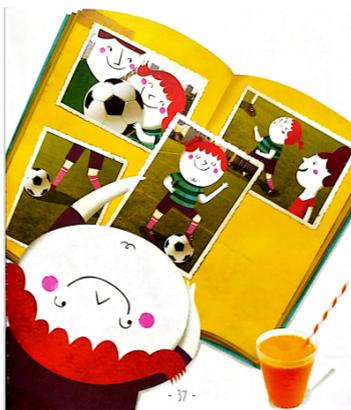
Encontramos no livro ilustrações da personagem com a expressão facial associada à tristeza ou desconfiança, além de observarmos a presença de alimentos próximos à ela na escola e em casa, em cenas como as que se seguem. Na primeira, vê-se uma maçã na sua carteira escolar, quando nenhum dos outros personagens aparecem com algum tipo de alimento (figura 3) e na segunda, Carlota aprecia seus álbum de fotos, com um copo cheio de um líquido ao seu lado (figura 4):

Figura 3 – Carlota na sala de aula



Fonte: Porto, C. e Assis Brasil, B. (2014)

Figura 4 – Carlota, em casa



Fonte: Porto, C. e Assis Brasil, B. (2014)

Carlota é representada como uma menina que sofre por ser gorda, no entanto, como destaca o trecho a seguir, olha com criticidade o fato se sua mãe não usar a palavra gorda para defini-la. “Como você já deve ter percebido, minha mãe sempre rodeava, dava voltas e mais voltas para não dizer a palavra “gorda”. Era cheinha, fortinha, fofinha, tudo no “inha”, sempre! Sabe que isso acabava me irritando ainda mais?” Se por um lado, neste trecho do livro, a autora revela a sensibilidade para perceber o receio das pessoas nomearem o corpo gordo como tal, em função preconceito que trazem acerca do mesmo, por outro lado, revela contradições no trato da diversidade, quando utiliza o termo “moreninha” para caracterizar uma amiga da personagem Carlota, claramente representada nas imagens como uma criança negra.

Figura 5 – Fotos do álbum de Carlota



Fonte: Porto, C. e Assis, B. (2014)

Finalmente, com relação ao texto deste livro, observamos a criança gorda representada como uma criança que, apesar de saudável fisicamente, está infeliz com sua aparência. Ela consegue superar essa questão por meio da observação de uma jovem gorda e feliz e da intervenção de um amigo. A solução para o sofrimento da personagem é apresentada por terceiros, a partir da prática de esportes e da consequente perda de peso, portanto da mudança de seu corpo.

A solução encontrada para o conflito de Carlota em relação ao seu corpo gordo corrobora a interpretação de Bonim e Silveira (2010), de que quando os personagens principais entendem seu corpo como um corpo desviante, diferentes personagens entram no enredo para operar estratégias de normalização. Emagrecer por meio da prática de esportes destaca um valor muito presente na sociedade contemporânea: a atividade física como solução para todos os “males do corpo”.

Na obra *Laís, a fofinha* (2018), de autoria de Walcyr Carrasco, com ilustrações de Ana Matsusaki, a personagem principal muda de estado recebe tratamento hostil e apelidos pejorativos no ambiente escolar (baleia, fofinha, bolota, gorducha, saco de areia, hipopótama), o que a deixa muito desconfortável com seu próprio corpo, validando o que afirmam Bonim e Silveira: “é na rede de relações com os demais personagens que os protagonistas reconhecem sua condição de corpo gordo/ corpo desviante” (2010, p. 83). Em decorrência destes fatos, a personagem Laís toma decisões extremas como fazer “a dieta da água”, impondo-se tantas restrições alimentares que chega até mesmo a desmaiar. Após esse episódio sua mãe a leva ao hospital, onde o médico explica às duas a diferença entre estar acima do peso e ser obesa, destacando a importância da alimentação saudável. No enredo, as colegas consideradas as “mais bonitas da escola”, conversam sobre moda e dietas e ao discutirem sobre um teste para ser atriz de novela, descartam a possibilidade de Laís ser aprovada em virtude de seu peso e aparência, fazendo com que ela desista do seu maior sonho, por ser gorda. Com a ajuda de sua tia, que também é gorda, Laís supera a insegurança, participa do teste e é aprovada como atriz.

As situações enfrentadas por Laís no ambiente escolar, fazem com que ela perceba o seu corpo e a comida como inimigos e os procedimentos estéticos e dietas restritivas como aliados em busca do corpo padrão. Tal problemática pode ser

compreendida por meio do olhar de Pessoa e Costa (2014) que percebem esse ambiente como um significativo espaço de formação pessoal e de socialização. A escola influi significativamente na construção da identidade, visto que essa é lapidada no contexto das relações e do meio histórico, social e cultural em que vivemos. No caso das crianças, a escola oferece um espaço de ações, conexões, confrontos e reações que, em um “processo lúdico que permite a construção de posicionamentos diversos por meio dos quais a criança vai se diferenciando e formando a sua individualidade, a sua identidade” (Pessoa; Costa, 2014, p. 507).

Os pais de Laís são descritos como “gordinhos” assim como ela e representados em desenhos de personagens com o rosto também redondo. Os personagens adultos que a cercam (professora, pai, mãe), não a estimulam a se perceber sob outra perspectiva, que não aquela cruel e preconceituosa das colegas de escola. A solução do dilema da personagem Laís se dá por interferência da tia Clara, também gorda, que a estimula a enfrentar o medo e ir ao encontro de seu sonho de ser atriz. Ao desfecho do livro, a menina não precisou emagrecer para superar a tristeza.

As ilustrações desse livro incorporam desenhos e imagens nas quais Laís e sua família são representados sem traços que remetam a estereótipos (figura 6). Outro fenômeno que se observa, registrado no texto e nas imagens do livro, o da adultização infantil, está presente na representação das colegas de classe de Laís, Ingrid e Carina, que usam maquiagem, acessórios e celulares além de frequentarem salões de beleza e preocuparem-se exageradamente com a estética do corpo (Figura 7).

Figura 6 – Laís e sua família



Fonte: Carrasco, W. e Matsusaki, A. (2018)

Figura 7 – Laís e suas colegas de sala



Fonte: Carrasco, W. e Matsusaki, A. (2018)

O terceiro livro analisado é Andreia Baleia (2019), de autoria de Davide Cali, ilustrado por Sonja Bougaeva. Trata-se de obra traduzida do original em francês que conta a história de Andreia, uma menina gorda. No texto, Andreia não é adjetivada como gorda, mas como “pesada” que recebe um apelido pejorativo na aula de natação. Como consequência, a menina não gosta de nadar, se sente pesada demais porque ao se movimentar na piscina, causa grande movimentação da água: “Vai então para a fila como os outros. Andreia sempre dá um jeito de ser a última a mergulhar. Isso porque, toda vez que se joga na água, provoca uma grande onda e todos gritam: Andreia é uma baleia!”.

Andréia é chamada por seu professor para uma conversa particular, na qual ele explica à menina que “somos o que pensamos ser”. Usando os exemplos do pássaro e do peixe que não pensam em seu peso para voar ou nadar, o professor diz que para ser leve, ela precisaria acreditar que assim era. Personagens adultos ajudando as crianças gordas na superação dos conflitos foram identificados no estudo de Bonin e Silveira (2010).

A partir desse ensinamento, Andreia modifica sua postura diante de dificuldades enfrentadas em seu cotidiano, exercitando sua autoconfiança. Utilizando a técnica de se imaginar como gostaria de ser, Andreia passa a agir de forma diferente a depender das situações propostas pela vida: “imagina que é um canguru, uma estátua, um coelho, um sol brilhante. E funciona! Pula muito alto na ginástica. Nem sente a picada da vacina. Come todas as cenouras na cantina do colégio. Consegue que João preste atenção nela, e pela primeira vez, lhe sorria...” . Finalmente, ela se imagina um foguete e salta na piscina sem espalhar nenhuma gota de água. A menina supera as expectativas, quando ao final da história, aceita o desafio de saltar do trampolim, ressignificando positivamente, a ideia de ser uma baleia. Nessa obra, o corpo gordo não precisa ser modificado para que ocorra a superação do conflito, a solução é contruída a partir de uma flexibilização do olhar da personagem para as diferentes possibilidades do seu corpo estar no mundo.

Apesar de sofrer preconceito em função de seu corpo, a personagem principal não manifesta o interesse de emagrecer para ser bem-vista e/ou nadar melhor, isso também não lhe é sugerido pelos demais personagens. Andreia não se queixa de seu sofrimento ao professor, cuja intervenção se dá a partir das situações presenciadas por ele. A sugestão do professor parte do princípio de que Andreia não precisa mudar o seu corpo, precisa mudar o modo de se enxergar para então, nadar bem.

As representações imagéticas deste livro apresentam, inicialmente, uma criança cabisbaixa e triste. Embora o formato de seu corpo não seja representado com exagero, é muito diferente das demais participantes da aula de natação, indicando que ela é a única criança que tem um corpo fora da norma. Se essa diferença é marcada em relação às outras crianças, o professor se assemelha à ela nas imagens por ser também, retratado como um ser gordo.

Figura 8 – Andréia, personagem principal do livro *Andreia Baleia*.



Fonte: Cali, D. e Bougaeva, S. (2019)

Figura 9 – Colegas da aula de natação de Andreia, do livro *Andreia Baleia*.



Fonte: Cali,D. e Bougaeva, S. (2019)

Por fim, o livro Bruno e João (2009) de autoria (texto e ilustrações) de Jean-Claude R. Alphen conta a história de dois amigos que eram inseparáveis e que nunca brigavam. Bruno era “grandão”, pacífico e tinha um coração grande e mole, João era “pequeno” assim como seu coração e era um menino irritado. João achava que seu amigo precisava ser defendido e o fazia sempre que podia. Um dia, dois garotos zombam do tamanho e peso de Bruno e ele fica zangado, e João com medo da sua reação intervém, defendendo seu amigo.

Essa história não apresenta o corpo como um problema a ser resolvido, como em Martins (2006) e Bonin e Silveira (2010), e nem faz alusão à alimentação ou à questões relativas ao preconceito no ambiente familiar ou escolar, como o verificado nas outras obras, que apresentam personagens femininas. Muito embora o personagem Bruno sofra, em um momento específico da história com atitudes hostis e apelidos preconceituosos (gordão, bobão, gigante), o foco central da narrativa não

é o corpo gordo ou nas especificidades de “ser gordo” e seus impactos na autoestima do personagem, mas a amizade entre pessoas diferentes. O texto e as imagens, no entanto, possibilitam a reflexão sobre pessoas gordas e magras, apresentando o personagens gordo (Bruno) e magro (João) como pessoas diferentes não apenas no aspecto físico, mas também em suas formas de agir e reagir diante de provocações.

Figura 10 – Personagens principais do livro *Bruno e João*.



Fonte: Alphen, C.(2009)

As ilustrações deste são feitas em traços leves e precisos, com alguns detalhes destacados em vermelho. Os personagens principais são ilustrados com exagero quando comparados, uma vez que João é bem mais alto e magro, em contraste com a imagem de Bruno, que é larga e grande. O tamanho dos personagens pode variar, em diferentes partes da história, dependendo de como se sentem, como por exemplo, quando João defende seu amigo e fica gigante, e Bruno pequenino.

Figura 11 – João irritado e Bruno chateado



Fonte: Alphen, C. ALPHEN, C. (2009)

Figura 12 – Bruno irritado e João com medo



Fonte: Alphen, C. ALPHEN, C. (2009)

As imagens dos personagens assim modificadas, ao nosso ver, destacam a possibilidade de nossos sentimentos e atitudes mudarem nossas percepções acerca de nós mesmos, ou seja, nossas disposições mentais podem interferir em nossa autopercepção.

4 Considerações finais

Procuramos identificar, nesse estudo, por meio da análise de quatro livros de literatura infantil, diferentes representações sobre a criança gorda. Martins (2006), identificou e analisou em sua pesquisa dezoito livros de literatura infantil e, nesse estudo que completa mais de uma década, predominavam imagens caricatas e narrativas negativas referentes ao corpo gordo, como por exemplo, representações gráficas de personagens que devoravam muitos pratos de comida ou que ficavam presos em portas ou em suas próprias roupas.

Contudo, encontramos narrativas divergentes daquelas encontradas por Martins (2006) nos livros que analisou. Nas quatro obras que selecionamos para nosso estudo, encontramos personagens, crianças gordas, descritas e ilustradas de forma não caricata. Concluímos que algumas mudanças foram feitas no começo deste século, no sentido de representar e de abordar as questões referentes à criança gorda, de forma mais respeitosa. No entanto, ainda há necessidade de se problematizar as narrativas que apresentam, quase sempre, os personagens principais como meninas infelizes e insatisfeitas com seus corpos, precisando mudá-los para alcançar a felicidade.

Este trabalho não tem a intenção de fazer apologia à obesidade, sabe-se que ela pode acarretar complicações de saúde no plano individual e coletivo. Tivemos a intenção de mostrar que as diferenças corporais existem, precisam ser respeitadas e não utilizadas como forma de inferiorização e segregação. É fundamental destacar que nem todo corpo gordo é doente e que a antecipação deste debate, feito por familiares, educadores e profissionais da saúde - de forma muitas vezes inadequada diante de crianças pequenas- pode ocasionar transtornos mentais e físicos já na primeira infância.

Destacamos que é durante a infância que as identidades e individualidades são formadas e portanto, já na educação infantil, é preciso investir em projetos pedagógicos intencionalmente criados para formar pessoas capazes de amar e respeitar o próprio corpo, com suas diferenças, limitações e possibilidades. Dessa forma, a educação, por meio da literatura infantil, pode colaborar para o questionamento de uma cultura de ódio ao próprio corpo, que culmina em pessoas mentalmente doentes, preconceituosas e insatisfeitas com os próprios corpos.

Por esta razão, destacamos a importância da formação dos profissionais da educação como agentes mediadores de leitura, para que a partir dos contextos e demandas sociais, selecionem e analisem os livros literários a serem utilizados, com olhar crítico e com base nas diversas possibilidades de trabalho para além das abordagens conteudistas e limitantes.

O papel do professor como mediador de leitura é fundamental, sobretudo no contexto da educação infantil. Esta é a primeira experiência de escolarização da criança, primeiro espaço de autoconhecimento fora do contexto familiar e ambiente privilegiado para o contato com os livros, por isso é fundamental formar professores capazes de selecionar, analisar e mediar o contato das crianças com os livros infantis, fazendo desta uma experiência estética e ética.

Do mesmo modo, é primordial que esta temática ganhe mais espaço no âmbito acadêmico, em diferentes campos do saber, para possibilitar a reflexão sobre a mesma por parte dos profissionais envolvidos com o público infantil não apenas no âmbito da educação escolar, mas também da esfera da saúde, da assistência e dos espaços educativos não escolares.

Notas

*Doutora pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG) e Professora Adjunta da Universidade Federal de Ouro Preto (UFOP). E.mail: Liliane.jorge@ufop.edu.br

**Pedagoga pela Universidade Federal de Viçosa (UFV) e Mestranda em Educação na Universidade Federal de São Carlos (UFSCar). Email: julia.dionysio@estudante.ufscar.br

¹O *bullying* é um fenômeno que pode ocorrer em diferentes espaços. Na escola, caracteriza-se por práticas repetidas e intencionais de violência (verbal ou não) dirigidas a um ou mais alunos que não conseguem, por sua vez, enfrentar as agressões sofridas. Reconhecido como problema de saúde pública, sua prática vem sendo coibida pela promulgação, divulgação e aplicação das Leis Federais 13.185/2015 e 13.663/2018.

² Citam-se como exemplos os dezoito livros analisados na dissertação de mestrado de Martins, 2006.

6 Referências

ALPHEN, Jean-Claude; **Bruno e João**; São Paulo: Jujuba, 2009.

AGUIAR, Vera Teixeira de. Leitura literária na escola. In: EVANGELISTA, Aracy, et al. **A escolarização da leitura literária: o jogo do livro infantil e juvenil**. Belo Horizonte, Autêntica, 1999. P.235-255.

ARAÚJO, Marcelo.; ZIGG, Ivan. **Na porta da padaria**. São Paulo: Editora Scipione. 1991.

ARRUDA, Agnes de Souza.; MIKLOS, Jorge. O peso e a mídia: estereótipos da gordofobia. **LÍBERO**, v. 23, n. 46, p. 111-126, 2020. Disponível em: <https://seer.casperlibero.edu.br/index.php/libero/article/view/1116>. Acesso em 03 mar. 2022.

BATISTA, Rosa; PASSOS, Joana Célia; SCHMIDT, Leonete Luzia. Crianças belas, sadias e robustas: o futuro da raça brasileira nas políticas de proteção à infância em Santa Catarina nos idos de 1940. **Perspectiva**, v. 37, n. 2, p. 453-479, 2019.

BONIN, Iara Tatiana; SILVEIRA, Rosa Maria Hessel. Marcas da (s) diferença (s) em personagens gordos da literatura infantil1. **Currículo Sem Fronteiras**, v. 10, n. 2, p. 77-90, 2010.

BRASIL. Ministério da Educação. **Base nacional comum curricular**. Brasília:MEC/SEB, 2017. Disponível em: <http://basenacionalcomum.mec.gov.br/>

CALI, Davide; **Andreia baleia**; Ubatuba - SP: Livros da Raposa Vermelha. 2019

CARDOSO, Beatriz. Mediação literária na educação infantil. In: **Glossário Ceale: termos de alfabetização, leitura e escrita para educadores** / Isabel Cristina Alves da Silva Frade, Maria da Graça Costa Val, Maria das Graças de Castro Bregunci (orgs). Belo Horizonte: UFMG/Faculdade de Educação, 2014.

CARRASCO, Walcyr; MATSUSAKI, Ana; **Laís, a fofinha**; 2. ed. – São Paulo; Moderna, 2018.

CECHETTO, Fátima Helena; PEÑA, Daniela Barbieri; PELLANDA, Lucia Campos. **Insatisfação da imagem corporal e estado nutricional em crianças de 7 a 11 anos: estudo transversal**. Clin.BIOMED, Res. 2015.

Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Pesquisa Nacional de Saúde Escolar: 2019**, Coordenação de População e Indicadores Sociais. – Rio de Janeiro: IBGE, 162 p. : il.

MATTOS, Rafael da Silva; PERFEITO, Rodrigo; CARVALHO, Maria Cláudia da Veiga Soares e RETONDAR, Jeferson . Obesidade e bullying na infância e adolescência: o estigma da gordura. **DEMETRA: Alimentação, Nutrição & Saúde**, v. 7, n. 2, p. 71-84, 2012.

MARTINS, Jaqueline. **Tudo, menos ser gorda: a literatura infanto-juvenil e o dispositivo da magreza**. Orientadora: Marisa Cristina Vorraber Costa. 2006. 93 f. Dissertação de Mestrado. (Mestrado em Educação) - Faculdade de Educação. Universidade Federal do Rio Grande do Sul:Porto Alegre, 2006.

PAIM, Marina Bastos; KOVALESKI, Douglas Francisco. Análise das diretrizes brasileiras de obesidade: patologização do corpo gordo, abordagem focada na perda de peso e gordofobia. **Saúde e Sociedade**, v. 29, p. e190227, 2020. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/pee/a/GcfYmsxyQbPXZXdBLvw9GwJ/?lang=pt#>. Acesso em 03 mar. 2022.

PESSOA, Camila Turati; COSTA, Lúcia Helena Ferreira Mendonça. Constituição da identidade infantil: significações de mães por meio de narrativas. **Psicologia Escolar e Educacional**, v. 18, n. 3, p. 501-509, 2014. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/pee/a/GcfYmsxyQbPXZXdBLvw9GwJ/?lang=pt#>. Acesso em 03 mar. 2022.

PORTO, Cristina; **Carlota Bolota**; 2. ed. São Paulo: FTD, 2014.

SILVA, Barbara Leone; CANTISANI, Jacobina Rivas. Interfaces entre a gordofobia e a formação acadêmica em nutrição: um debate necessário. **DEMETRA: Alimentação, Nutrição & Saúde**, v. 13, n. 2, p. 363-380, 2018. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/demetra/article/view/33311>. Acesso em 03 mar. 2022

SOUSA JÚNIOR, João Henriques de; MELO, Francisco Vicente Sales. Moda “Só para Maiores”: experiência de consumo de pessoas obesas em lojas especializadas de vestuário plus size. **Revista Administração em Diálogo-RAD**, v. 20, n. 3, p. 110-123, 2018. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/rad/article/view/37565>. Acesso em 03 mar. 2022.
